

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 3 - PAISAGEM CULTURAL E ÁGUA -
PAISAGENS RIBEIRINHAS, FLUVIAIS E COSTEIRAS / FRENTES D'ÁGUA
URBANAS, PORTOS HISTÓRICOS, MANGUEZAIS E DELTAS CULTURAIS /
BACIAS HIDROGRÁFICAS COMO UNIDADES DE GESTÃO CULTURAL /
TERMALISMO E ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS / ÁGUA, CIDADE E
PLANEJAMENTO / PATRIMÔNIOS HIDRÁULICOS E INFRAESTRUTURAS
DA ÁGUA / SABERES TRADICIONAIS E COSMOLOGIAS DAS ÁGUAS /
CULTURA ALIMENTAR E ÁGUA / MUDANÇAS CLIMÁTICAS / TURISMO E
ROTAS CULTURAIS DA ÁGUA / PAISAGEM E CIDADES BALNEÁRIO.

**CAÇA À BALEIA E PAISAGEM CULTURAL COSTEIRA EM LUCENA/PB: A
IMAGEM ARPOADA**

Sofia Porto Bauchwitz (sofiabauchwitz@gmail.com)

O texto analisa a história da caça à baleia em Lucena como elemento estruturante de uma paisagem cultural costeira marcada por práticas extrativistas, infraestruturas industriais, apagamentos históricos e disputas contemporâneas em torno da memória e do patrimônio. Parte-se da compreensão desse litoral como paisagem cultural constituída por camadas materiais e imateriais (edificações, objetos remanescentes, narrativas, imagens e afetos) atravessadas por memórias humanas, não humanas e elementares, nas quais a água do oceano opera como matriz ecológica, simbólica e histórica. O trabalho retoma o processo de implantação da atividade baleeira em Lucena, iniciada em 1911 e encerrada apenas em 1987, quando, após intensa mobilização social, a prática foi oficialmente proibida no Brasil. Durante esse período, o litoral norte paraibano configurou-se como um dos principais

polos da caça industrial de baleias no país, sob a atuação da Companhia de Pesca Norte do Brasil (Copesbra), deixando como legado um conjunto fragmentário de ruínas industriais e uma memória pública pouco elaborada. Com o fim das atividades, a paisagem passou por um processo de reconfiguração econômica e simbólica, atualmente sustentado sobretudo pelo turismo e pelos recursos naturais, sem que esse passado violento tenha sido plenamente reconhecido como patrimônio cultural. Nesse contexto, se discute a proposição do Museu da Baleia como estratégia de salvaguarda, educação patrimonial e construção de uma cultura da memória, capaz de articular ruína, paisagem e cultura. Ao mobilizar a noção de paisagem cultural em diálogo com a água do oceano, o trabalho propõe compreender o mar como arquivo vivo e suporte de memória coletiva, ampliando os debates sobre patrimônio costeiro, paisagens culturais da água e desafios contemporâneos de preservação.

Palavras-chave: paisagem cultural; água como arquivo; caça à baleia; memória e salvaguarda; museu da baleia.